

A GENTE NÃO QUER SER ASSISTIDO, A GENTE QUER SE ASSISTIR: EXPERIÊNCIAS NEGRAS, LGBTQIAPN+ E AFROSSÔNICAS DESDE A *BATEKOO* NA PESQUISA ETNOMUSICOLÓGICA

Acsa Braga Costa¹

Danilo dos Santos²

Leonardo Moraes Batista³

Thamara Collares do Nascimento⁴

Victor Cantuaria⁵

Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ*⁶

Resumo: Este artigo articula discussões e reflexões sobre música, desde o campo da etnomusicologia racialmente politizada (Rosa, 2020; 2022), tendo como base dimensões interseccionais (Akotirene, 2019; Bilge, Collins, 2020) entre a experiência negra, dissidente sexual e o como as juventudes ativam outras noções de mundo, desde a *festa*, lócus da nossa pesquisa. Metodologicamente, o texto

¹ Acsa Braga Costa é licencianda em literatura pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) e é membro fundadora do Grupo Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ*. E-mail: acsabragac@gmail.com

² Danilo dos Santos é mestrando em Arte e Cultura Contemporânea PPGARTES-UERJ. É membro fundador do Grupo Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ*. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5683821145868452>. E-mail para contato: danilo.cunhads@live.com

³ Leonardo Moraes Batista é licenciado em música (2012) e especialista em educação musical (2014) pelo Conservatório Brasileiro de Música (CBM-CeU). Mestre em educação musical (2015) e doutor em etnomusicologia (2024) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É membro fundador e pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ*. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6703096527905876>. E-mail para contato: leonardomoraesbatista@gmail.com

⁴ Thamara Collares do Nascimento é mãe de Maria Ayana Collares, filha de Doraciara Collares e irmã de Thainara Collares. É membro fundadora do Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ*, vinculado ao LABTENO-UFRJ. Cursa pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5191627678998086>. E-mail para contato: thamara.collares@edu.unirio.br

⁵ Victor Cantuaria é bacharelando em dança pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e é membro fundador do Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ*. É pesquisador em cultura e territorialidades, etnomusicologia e práticas performáticas das juventudes negras e LGBTQIAPN+. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3985565149297009>. E-mail de contato: victorh.Cantuaria@gmail.com

⁶ O Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ* é composto pelas autoras e autores deste artigo. São pessoas afrodescendentes, dos campos da dança, música, letras, história e pedagogia, que se reuniram para desenvolver a pesquisa/tese intitulada “Juventudes negras, LGBTQIAPN+ e seus movimentos de transgressão, emancipação e libertação: uma etnomusicologia afroperspectivada das práticas sonoras da Festa *BATEKOO*”. A pesquisa foi desenvolvida de 2018 a 2024 no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, sob a orientação do Prof. Samuel Araújo. O grupo tem desenvolvido pesquisas sobre questões raciais e dissidentes sexuais, tomando os territórios sonoros urbanos-periféricos e LGBTQIAPN+, como base das suas produções. Para maiores informações: <https://www.instagram.com/negopesquisa/>.

tensiona as questões de branquitude e coloniais exercitadas na pesquisa em música e apresenta caminhos político-epistemológico-metodológicos desobedientes (Odara, 2020), desde uma perspectiva plural e étnico-critico-racial, enquanto prática de combate ao racismo epistemológico (Carneiro, 2023). Articulado em quatro (4) partes, em um primeiro momento inflexiona o campo da pesquisa em música desde questões necropolíticas (Mbembe, 2018) e negropolíticas (Braga et. al). Em um segundo percurso, propõe desde discussões e pesquisas produzidas por pessoas negras com questões étnico-raciais a uma etnomusicologia politicamente radicalizada. Em um terceiro momento, abordagens político-epistemológico-metodológicas desde um pensamento quilombista/cuierlombista (B. Nascimento, 2021; A. Nascimento, 2019; T. Nascimento, 2018), trazendo o espaço/tempo em que a pesquisa foi desenvolvida, quem são seus atores, interlocutores e os vetores éticos, estéticos e étnicos que dinamizaram a pesquisa. Por fim, nas considerações de continuidade, propõe uma visão outra para a pesquisa em música, centrada em discussões e inflexões, a partir de um pensamento afrodiáspórico (Santos; Sodré; Santos, 2022) e sinaliza como poderia ser a pesquisa em música, mediada por inflexões e por questões do pensamento afrobrasileiro, de outras diásporas e do continente africano. Este texto tenta, de alguma forma, trazer para as linhas que o compõem, os modos como as pessoas negras têm se assistido em suas pesquisas, quando seus conhecimentos ali estão pluralmente representados.

Palavras-chave: Pesquisa em Música; Pensamento afrodiáspórico; Etnomusicologia; Músicas Negras; Negrografia; *BATEKOO*.

*WE DO NOT WANT TO BE WATCHED; WE WANT TO WATCH
OURSELVES: BLACK, LGBTQIAPN+ AND AFRO-DESCENDANT
EXPERIENCES FROM BATEKOO IN ETHNOMUSICOLOGICAL RESEARCH*

Abstract: This article articulates discussions and reflections on music from the field of racially politicized ethnomusicology (Rosa, 2020; 2022) based on intersectional dimensions (Akotirene, 2019; Bilge, Collins, 2020) between the black experience, sexual dissidence and how young people activate other notions of the world, from the perspective of the party, the locus of our research. Methodologically, the text tensions the issues of whiteness and colonialism exercised in music research and presents disobedient political-epistemological-methodological paths (Odara, 2020) from plural and ethnic-critical racial perspective as a practice of combating epistemological racism (Carneiro, 2023). Articulated in 4 parts, it first inflects the field of music research from necropolitical (Mbembe, 2018) and negropolitical (Braga et. al) issues. In a second moment, it proposes a politically radicalized ethnomusicology from discussions and research produced by black people on ethnic-racial issues. In a third moment, political-epistemological-methodological approaches from a quilombist/queerlombist point of view (B. Nascimento, 2021; A. Nascimento, 2019; T. Nascimento, 2018), bringing the space/time in which the research was developed, who are its actors, interlocutors and the ethical, aesthetic and ethnic vectors that energized the research. Finally, in the continuity considerations, it proposes a different vision for music research, centered on discussions and inflexions, from an Afro-diasporic perspective (Santos; Sodré; Santos, 2022) and signals how music research could be mediated by inflexions on issues of Afro-Brazilian thought, other diasporas and the African continent. This text tries, somehow, to bring to the lines that compose it the ways in which black people have assisted each other in their research when their knowledge is plurally represented there.

Keywords: Music Research; Afrodiásporic Thought; Ethnomusicology; Black Music; Negrography; *BATEKOO*.

NO QUEREMOS SER OBSERVADOS, QUEREMOS OBSERVARNOS A NOSOTROS MISMOS: EXPERIENCIAS NEGRAS, LGBTQIAPN+ Y AFRODESCENDIENTES DE BATEKOO EN LA INVESTIGACIÓN ETNOMUSICOLÓGICA

Resumen: Este artículo articula discusiones y reflexiones sobre la música desde el campo de la etnomusicología racialmente politizada (Rosa, 2020; 2022) a partir de dimensiones interseccionales (Akotirene, 2019; Bilge, Collins, 2020) entre la experiencia negra, la disidencia sexual y cómo los jóvenes activan otras nociones del mundo, desde la fiesta, locus de nuestra investigación. Metodológicamente, el texto tensiona las cuestiones de blancura y colonialismo ejercidas en la investigación musical y presenta caminos político-epistemológicos-metodológicos desobedientes (Odara, 2020) desde la perspectiva racial plural y étnico-crítica como práctica de combate al racismo epistemológico (Carneiro, 2023). Articulado en cuatro (4) partes, primero inflexiona el campo de la investigación musical a partir de cuestiones necropolíticas (Mbembe, 2018) y negropolíticas (Braga et. al). En un segundo momento, propone una etnomusicología políticamente radicalizada a partir de discusiones e investigaciones producidas por personas negras sobre cuestiones étnico-raciales. En un tercer momento, abordajes político-epistemológicos-metodológicos desde un punto de vista quilombista/queerlombista (B. Nascimento, 2021; A. Nascimento, 2019; T. Nascimento, 2018), trayendo el espacio/tiempo en que se desarrolló la investigación, quiénes son sus actores, interlocutores y los vectores éticos, estéticos y étnicos que dinamizaron la investigación. Por último, en las consideraciones de continuidad, propone una visión diferente para la investigación musical, centrada en discusiones e inflexiones, desde una perspectiva afro-diaspórica (Santos; Sodré; Santos, 2022) y señala cómo la investigación musical podría estar mediada por inflexiones sobre cuestiones del pensamiento afrobrasileño, de otras diásporas y del continente africano. Este texto intenta, de alguna manera y/o forma, traer a las líneas que lo componen los modos en que los negros se han ayudado en sus investigaciones cuando sus saberes están pluralmente representados en ellas.

Palabras-clave: Investigación musical; Pensamiento afro-diaspórico; Etnomusicología; Música negra; Negrografía; BATEKOO.

1. Para abrir os caminhos

Nem sempre é sobre o palco, precisamos reivindicar o espaço da pista.
Uma das mais inúmeras formas de reducionismo da grandeza que somos, é tentar nos resumir a um palco.

O palco é muito pequeno pra mim. Pros meus. Pros nossos.

O meu movimento se manifesta aqui. Na pista. Na gira. No drible. Na encruzilhada dos encontros individuais e coletivos, na passarela que desfilam os mais diversos corpos negros.

Sobre se tornar um só. Um corpo plural desviante, desobediente e ancestral. Continuidade.

Somos estilhaços diáspóricos que nos aquilombamos para celebrar a vida em um espaço civilizatório, seguro e cheio de memórias ancestrais.

Na pista, corpos e vidas são manifestos, é a cereja mais cara, a atração mais rara, a euforia que se dispersa quando estamos nos apresentando para um espelho que não nos reflete. Que eles tentam resumir em um palco, mas que só cabe na pista.

Nada é ensaiado. É construção coletiva. É um espetáculo de nós para nós mesmos.

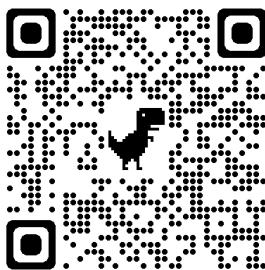
E a gente não quer ser assistido. A gente quer se assistir.

A pista é, para nós, um lugar em que escrevemos por meio de nossos corpos desviantes um afrofuturo como projeto de liberdade.

A *BATEKOO* é este espaço de transgressão e articulação, em que a pista é o palco e o palco é a pista.

Pista essa que se projeta como uma resposta a tentativa de domesticação do corpo e da cultura. A reivindicação do suor dançante que não conseguem domar, forjar, nem reproduzir.

Se questione quando só se vê no palco. (Manifesto *BATEKOO* Festival de 2022)



Vídeo 1: Manifesto *BATEKOO* Festival de 2022⁷.

Iniciamos a sessão deste artigo com o Manifesto do *BATEKOO* Festival, que põe na roda o lema do festival de 2022, que aconteceu na cidade de São Paulo – SP. Com o apontamento sobre querer e deixar-se assistir por si e pelos seus, propõe-se, em nossa percepção, o percurso libertário, transgressor e emancipatório, em detrimento daquilo que trata da dinâmica do controle social, cooptação do protagonismo e da expropriação de saberes e conhecimentos, que as juventudes negras e LGBTQIAPN+ têm produzido em seus cotidianos.

As juventudes negras e LGBTQIAPN+ a que nos referimos e com quem temos a oportunidade de, na *festa*, conviver, são periféricas e diversificadas, em sentidos que são da ordem de raça, gênero, sexualidade, classe, territorialidade, pluralidade corpórea, entre outros vetores. Esse bonde, que possui um tempo *outro*, problematiza cotidianamente os limites impostos à sua existência e de forma disruptiva, enfrenta os ditames da dinâmica necropolítica que lhe/nos persegue (Mbembe, 2018).

A necropolítica é um conceito desenvolvido pelo filósofo Achille Mbembe (2018), que significa toda a cultura de extermínio praticada contra determinados grupos na política contemporânea. A necropolítica é a manifestação basilar do biopoder e a percepção racializada desse contexto, onde as políticas públicas são pautadas a partir do necropoder, ou seja, o poder de definir sobre a morte de pessoas. Essa submissão se aplica através de maneiras legais e extrajudiciais,

⁷ Esse é o texto manifesto do *BATEKOO* Festival de 2022, na ocasião escrito por Maurício Sacramento com colaboração de Leonardo Moraes Batista. Para conhecer o vídeo, propomos acessar o link disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KJhqoOLQ-D4&ab_channel=BATEKOO. Acesso em: 5 jul. 2024.

materializando hierarquias que distinguem os mortos dos vivos segundo políticas de alteridade.

No caso das nações africanas no final do século XX, milícias urbanas, exércitos regulares, seguranças privadas e exércitos regionais disputam o monopólio da morte que é leiloado pelo sistema capitalista de forma consentida pelo Estado. No exemplo brasileiro, são principalmente as forças policiais de segurança pública do Estado que detêm o necropoder e executam de forma sumária sentenças de morte diárias nas favelas e periferias brasileiras, sendo a juventude negra o alvo dessa incursão necrófila racista. Verificamos esse dado explícito em pesquisas publicadas, tais como a da Anistia Internacional Brasil⁸.

Em relação às necrofilias racistas do Estado, propomos uma negropolítica (Costa *et. al.*, 2021) na qualidade de enfrentamento à política de morte que persiste sobre as vidas das pessoas negras. Assim, negropolítica, para nós, é um conjunto de práticas antimorte em que a racialização dos corpos é escopo central da destituição das heranças coloniais que possibilitaram construir ideias de quem pode viver e quem deve morrer.

Negropolítica é uma mobilização em modo de ação política de enfrentamento ao racismo agenciado por reflexões ativas de caráter étnico-crítico-racial em que o ativismo tático e estratégico se faz necessário enquanto mecanismo de intervenção contra as formas que o Estado tem utilizado para ceifar as vidas das pessoas negras. Negropolítica, em nossa visão, é política de vida construída pelas pessoas negras enquanto intervenção radical, inflexão social e produção de práticas e experiências que destituam o racismo, que é máquina de moer vida de pessoas negras.

Nossa pesquisa buscou compreender como, a partir da experiência com a música, as juventudes negras e LGBTQIAPN+ brasileiras têm se articulado em espaços civilizatórios (Trindade, 2005), compreendidos como movimentos negros, retomando, nesse percurso, o exercício quilombista/cuíerlombista (A. Nascimento, 2019; B. Nascimento, 2021; T. Nascimento, 2018,) como enfrentamento resiliente ao racismo e à LGBTQIAPN+fobia. Esse mesmo grupo social tem repolitizado a ideia de raça e ampliado a ideia de gênero e sexualidade na contemporaneidade, pondo em xeque as estruturas permanentemente demarcadas no âmago da sociedade brasileira, que insiste em um percurso de discriminação e de desigualdade racial institucionalizado pelo pacto narcísico da branquitude (Bento, 2022). Ao falarmos de espaço civilizatório, referimo-nos diretamente ao que nos aponta Azoilda Trindade (2005)⁹, a partir de seu trabalho educativo.

Ao destacarmos a expressão “valores civilizatórios afro-brasileiros”, temos a intenção de destacar a África, na sua diversidade, e que os africanos e africanas trazidos ou vindos para o Brasil e seus e suas descendentes brasileiras implantaram, marcaram, instituíram valores civilizatórios neste país de dimensões continentais, que é o Brasil. Valores inscritos na nossa memória, no nosso modo de ser, na nossa música, na nossa

⁸ Para maiores informações, propomos acessar o site da campanha “Jovem Negro Vivo”, disponível no site: <https://anistia.org.br/informe/anistia-internacional-lanca-campanha-sobre-o-alto-indice-de-homicidios-de-jovens/>.

⁹ Queremos destacar que, na perspectiva civilizatória, somos, de certa forma ou de certas formas, afrodescendentes. E, em especial, somos o segundo país do mundo em população negra (Trindade, 2005, p. 30).

literatura, na nossa ciência, arquitetura, gastronomia, religião, na nossa pele, no nosso coração. (Trindade, 2005, p. 30)

Azoilda nos ensina que espaços como os da *BATEKOO* são propícios para ativar junto aos seus praticantes a afirmação da identidade afro-brasileira, a partir de princípios centrados na diversidade e na pluralidade negra. Pautados por vetores como axé, oralidade, circularidade, corporeidade, musicalidade, lúdicode e cooperatividade, a pesquisa articulou de que maneira, dentro de uma experiência sonora, corpórea e visual, esses vetores podem estar sendo ativados em conjuntos com outros criativos valores praticados pela plataforma.

Nas pulsantes batidas da quebrada do som do tamborzão, por meio de suas melodias do caos, dos ritmos acelerados e harmonias do atura ou surta, essa juventude negra e LGBTQIAPN+, que é plural e dribla a institucionalização do racismo e do sexismo nas suas diversificadas formas, por meio de fissuras e brechas, atravessa a dinâmica da atual política de eugenia no Brasil: o extermínio da população jovem negra e LGBTQIAPN+ (Gomes; Laborne, 2018), utilizando dos vetores apontados anteriormente, como uma abordagem para se assistir no mundo.

A partir de uma afroperspectividade vivida e reafirmada em diversificadas instâncias, essa juventude negra, composta por lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, transexuais, travestis, queers, intersexuais, assexuais, pansexuais e não binares e o que (+) as pessoas querem ser, além de demarcações aqui postas (LGBTQIAPN+), nós do *NEGÔ* amplificamos nossas escutas de forma ativa nesse processo de pesquisa viva. Atentas/os à subversão das lógicas que alicerçam as estruturas do racismo, construções da concepção de gênero e sexualidade fundamentadas na violenta ideia do cisheteropatriarcalismo-burguês-cristão e interferências na discussão de classe, compreendemos que as juventudes negras e LGBTQIAPN+ têm reeducado a sociedade brasileira por meio de suas existências.

Sinalizamos que a escrita desse artigo, bem como o que resultou da pesquisa de doutoramento pelo PPGM-UFRJ¹⁰, se deu em um processo engajado-colaritivo-participativo. Nós, juntas/os pesquisamos, praticamos enquanto festeiras/os e em alguns casos e tempos como trabalhadores a festa e outras ações da *BATEKOO*. Somos estilhaços diaspóricos que nos aquilombamos/azuírlombamos nesse espaço de expressão de negritude e amplificação da sexualidade.

Mas, o que é a *BATEKOO*? É compreendida por nós como uma plataforma de entretenimento, cultura e informação de/para juventude negra, urbana e LGBTQIAPN+ que, por meio da diversidade sonora, visual e corporal, em ato de construção e reconstrução de memórias individuais e coletivas, amplifica ações para o combate ao racismo, ao patriarcalismo, à LGBTQIAPN+fobia, à gordofobia e ao capacitismo¹¹, contra padronizações, objetificações e estereotipizações.

¹⁰ Para conhecer mais sobre as atividades desse programa de pós-graduação em música, sugerimos acessar o link disponível em: <<https://ppgm.musica.ufrj.br/>>.

¹¹ "Passamos a adotar no Brasil a tradução de *ableism* para capacitismo na língua portuguesa, por duas razões principais: a primeira é a demanda de urgência para visibilizar uma forma peculiar de opressão contra as pessoas com deficiência e, por consequência, dar maior visibilidade social e política a esse segmento; a segunda deriva do próprio postulado da teoria *crip*, ou seja, para desconstruir as fronteiras entre deficientes e não deficientes é necessário explorar os meandros da corponormatividade de nossa estrutura social ao dar nome a

A *BATEKOO* também é um espaço libertário em que as pessoas são o que querem ser, para dar *close*, se divertir e ter uma experiência afrossônica centrada em 100% de sonoridades do território afrobrasileiro, de outras diásporas e da África, comandada por DJs que têm suas pesquisas centradas em universos dos *beats* que possibilitam o aquilombamento, para entre suas/seus, se ver e curtir a onda numa boa.

Essa plataforma possui três ações: a *festa*, que reúne pessoas negras e LGBTQIAPN+ para bater o tamborzão ao som do batidão em seis cidades brasileiras (Salvador/BA, São Paulo/SP, Rio de Janeiro/RJ, Recife/PE, Belo Horizonte/MG e Brasília/DF) e em expansão para outras cidades/estados; o selo/incubadora artística que foca na produção fonográfica de artistas da música afrodiáspórica; e as ações educativas, que desenvolvem programas formativos para as pessoas frequentadoras das ações com foco nas variadas perspectivas da cadeia produtiva da cultura. Por fim, a *BATEKOO Records* que é o *hub* criativo e agenciador de artistas negras/es/os da música negra. Para ampliar sua compreensão sobre o que é essa plataforma sugerimos acessar o QRcode a seguir:



Vídeo 2: Brazil's LGBTQ Youth Finds Hope in Batekoo - Inspire the Night¹²

Foi no universo dessa plataforma de variadas frentes que desenvolvemos nossa pesquisa de doutoramento com início em 2018 e que insistimos em não terminar, mesmo após a defesa de uma de suas etapas, mas apresentar ao mundo, por esse meio científico e em outros modos, os percursos e vetores que ela nos sedimenta. Dito isso, foi necessário compreender o campo em que estávamos/estamos inseridos e as dimensões político-epistemológico-metodológicas nele inseridas, em diálogo com o campo em que desenvolvemos a pesquisa. Nesse sentido, a amplificação de outras estratégias, conhecimentos e abordagens foram necessárias. Nesse artigo, trazemos algumas das discussões, tensões e inflexões que carregamos para a pesquisa, para compreender como as juventudes negras e LGBTQIAPN+ lidam com as músicas negras e de que maneira elas se apresentam como vetores de emancipação, libertação e transgressão.

Essa pesquisa e o tempo em que ela se deu, dentro de uma perspectiva de programa de pós-graduação em música, foi demarcada pelo ano do assassinato de

um tipo de discriminação que se materializa na forma de mecanismos de interdição e de controle biopolítico de corpos com base na premissa da (in)capacidade, ou seja, no que as pessoas com deficiência podem ou são capazes de ser e fazer" (Melo, 2016, p. 3267).

¹² Para maiores informações sobre a *BATEKOO* propomos acessar o link disponível no site: <https://www.youtube.com/watch?v=sLbcNuelXCs&t=18s&pp=yglUQYmF0ZWtvbyByZWQgYnVsbA%3D%3D>. Acesso em: 5 jul. 2024.

Marielle Franco, do levante da extrema direita com ecos fascistas e criminalização das juventudes negras, com destaque para o caso do DJ Renan da Penha. Ao mesmo tempo, enquanto campo de resistência, destacamos os 15 anos da Lei nº10.639, os 10 anos da Lei nº 11.679, a inserção na Década Internacional dos Afrodescendentes e o levante da reconstituição de um Brasil possível, diferente dos “dias de destruição”, parafraseando Beatriz Nascimento (2018).

Esse texto coletivo, debatido, vivenciado e escrito por nós cinco, se utiliza de perspectivas engajado-colaborativo-participativas e é mediado por movimentos político-epistemológico-metodológico afroperspectivados. A pesquisa foi desenvolvida na área das etnografias das práticas musicais, dimensionando uma ideia de uma etnomusicologia afroperspectivada, desde nossa compreensão, com base nas nossas experiências estético-sonoras-corpóreas-visuais da/na festa *BATEKOO*, enquanto corpos negros individual e coletivamente praticantes e protagonistas daquilo que experienciamos, escrevemos de forma íntima e dinamicamente sincera ao modo como vivenciamos essa festa.

2. Por uma expansão político-epistemológico-metodológica na etnomusicologia

A etnomusicologia pode ser compreendida como o estudo da música, na cultura e como cultura. Enfoca suas dimensões no indivíduo social que faz, pratica, lida e se relaciona com a música no seu cotidiano, nas suas diferentes formas, em múltiplos espaços e territorialidades, em diversificados tempos e dinâmicas.

Instituída entre o final do século XIX e as primeiras décadas de 1920 e desenvolvida por pesquisadores/as fora de seus respectivos espaços político-geográficos, essa área da música, a etnomusicologia, atua no interesse sonoro acerca das inúmeras formas como as pessoas lidam com as expressões e manifestações da música em seus processos de vida, de maneira expandida e aberta aos caminhos e abordagens dos territórios que esta área ocupa no mundo.

Para Samuel Araújo (2016), a etnomusicologia, que por si só articula saberes de áreas afins, em especial das ciências humanas, é munida de práticas que são envoltas pelo diálogo entre práxis sonora e questões sociais, podendo ser compreendida como

[...] um campo, por definição interdisciplinar de estudos de fenômenos socialmente definidos como musicais, seja qual for a definição ou genealogia que lhe atribuímos (e há muitas possíveis), [no qual] são inúmeros e não necessariamente semelhantes os caminhos de formação e de diálogo intelectual que podem ser trilhados por pesquisadoras e pesquisadores, individualmente ou em grupos de pesquisa, tomando algum legado da etnomusicologia como horizonte. (Araújo, 2016, p. 8)

Jeff Todd Titon (2015, p. 5) comprehende a etnomusicologia “como estudo das pessoas fazendo música”. Para nós, essa ideia amplia e desloca o campo de

pesquisa do foco da ideia de música puramente esvaziada de sentido humano para escutar, olhar e entender as pessoas e suas diversificadas formas de relação com as muitas maneiras de fazer música. Para essa dinâmica se realizar, compreendemos que implica o desenvolvimento de processos de pesquisa de ordem político-epistemológica-metodológica possíveis e conversantes com as práticas sonoras das pessoas e seus espaços de vivência, o que coloca a diversidade de escutas e olhares como uma perspectiva inerente à produção de conhecimento.

Em nossa visão, a etnomusicologia é uma área da música que tem amplo interesse em como as pessoas lidam, praticam, fazem e se relacionam com a música. Utiliza-se de diversas abordagens e práticas de pesquisas, impulsionadas por reflexões críticas e políticas, dialógicas ao espaço-tempo em que se desenvolve a ação ou a pesquisa. Por esse sentido, compreendemos que etnomusicologias no plural, desenvolvidas por pessoas, dinamizam a multiplicidade de caminhos metodológicos e epistemológicos que fazem essa área se expandir, reinventar e reestruturar.

No Brasil, essa área é precedida pelos estudos de folclore desde os anos 1930, em espaços educativos daquele período, tais como conservatórios e organizações públicas de pesquisa com interesse na cultura brasileira (Rautmann, 2019). Nos últimos anos, vem ganhando capilaridade e expansão, tomando a dimensão político-social como percurso na produção de conhecimento.

É comum verificar que o sentido musical é atravessado por questões que se relacionam com a pluralidade de universos em que as pesquisas são desenvolvidas. Angela Lühning e Rosângela Tugny (2016b, p. 23) destacam que as práticas etnomusicológicas no Brasil têm o “profundo interesse e o respeito pela diversidade sociocultural e política de pessoas e grupos que se encontram em posição minoritária, que vivem processos contínuos de expropriação”, por exemplo: para e com as sociedades indígenas, pessoas e/ou grupos de pessoas negras, pessoas e/ou grupos LGBTQIAPN+, povos do campo, juventudes, pessoas em situação de vulnerabilidade social, mulheres e quilombolas.

Com a inserção da etnomusicologia nos cursos de música no Brasil, em um período em que ainda não havia (ou havia poucas) pessoas negras nas universidades públicas, essa área de conhecimento, como outras da música (educação musical, composição, musicologia, interpretação) teve seus alicerces sedimentados por pessoas que herdaram o privilégio do acesso ao ensino superior. Vale ressaltar que boa parte dos conceitos, teorias e metodologias que regiam o campo nesse tempo-espacó, a pelo menos 30 anos, advinham das produções internacionais, especialmente da Europa e da América do Norte, epicentros das/os primeiras/os etnomusicólogas/os a atuar em outros territórios, culturas e experiências em outros espaços político-geográficos, ou seja, a galera da etnomusicologia fora de casa.

É possível verificar, na produção etnomusicológica desenvolvida no Brasil, que as/os pesquisadores lidam com as expressões e manifestações sonoras do solo

brasileiro. Ao contrário das/os pesquisadores de outros países do eixo europeu e norte-americano que desenvolveram ou desenvolvem suas pesquisas fora de casa, nesse campo, em terra pindorama, a etnomusicologia é realizada dentro de casa “*at home*”, mesmo que, em alguns casos, os aspectos teóricos e analíticos reforcem os estigmas do pensamento colonial ainda impregnado na concepção de música (Nettl, 2005).

O que ganhamos com o mergulho e a vivência nas práticas sonoro-culturais ativadas pelos grupos, sociedades e pessoas no Brasil é a quebra de paradigma da concepção de música eurocêntrica que não dialoga com determinadas manifestações e expressões produzidas neste solo. Dito isso, etnomusicólogas/os interessadas/os nesse rompimento têm defendido a dinâmica de pensarmos outras formas, abordagens e perspectivas para compreendermos as nuances que são articuladas nas músicas que fazem parte de uma determinada práxis. Naslas podem existir, para além de um escopo tecnicista da música colonial, dimensões poéticas, estéticas, ritualísticas e políticas.

Destacamos as pesquisas, ações e os processos de produção de conhecimento desenvolvido por pessoas negras no campo da etnomusicologia. Apontamos *Do Samba ao Funk do Jorjão: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um Samba chamado Brasil* de Spiritu Santo (2016); *Mestras da Cultura Popular em Belém: narrativas de vida, ativismos culturais e protagonismos musicais* de Jorgete Lago (2018); *Povos de línguas bantos e sua importância na formação cultural das culturas no Brasil* de Salloma Salomão Jovino da Silva (2023); *O pulo do Gato: reflexões de um pesquisador nativo sobre uma escola de samba carioca* de Eduardo Duque (2007); *Protagonismo feminino negro no coco de roda paraibano: devires na conquista e defesa de territórios afrodiáspóricos* de Erivan Silva (2021); *Sopapo Poético e Etnomusicologia Negra: agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre* de Pedro Acosta Rosa (2020); *Perspectivas etnomusicológicas sobre o batuque: racialização sonora e ressignificação em diáspora* de Marcos Santos (2020); *Carnaval do Nordeste de Amaralina: um estudo sobre um carnaval de bairro* de Laurisabel de Ana da Silva (2022); *Músicas e práticas musicais africanas nos cursos de licenciatura em música na Bahia* de Thon Nascimento (2021); *Black Gospel: um estudo etnomusicológico com o grupo Family Soul do Rio Grande do Sul* de Miriam Silva (2018); dentre tantos outros trabalhos¹³.

Com o passar dos anos e com a conjuntura efetivada na/pela luta dos movimentos sociais por mudança estrutural no esquema racista e sexista no sistema de ensino na educação básica e no ensino superior, é possível perceber que políticas de reparação histórica vêm sendo implementadas e modificando institucionalmente

¹³ Ressaltamos que adotamos nesse artigo não aprofundar as questões epistemológicas e metodológicas dos trabalhos destacados, desenvolvidas por pessoas pesquisadoras no campo da etnomusicologia. Nesse parágrafo tomamos a liberdade de apresentar quais são alguns trabalhos que nos foram importantes na construção de vetores políticos na nossa pesquisa etnomusicológica. Sinalizamos que estamos nesse momento, enquanto Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica olhando para esses textos e demais produzidos no Brasil, buscando compreensões sobre as perspectivas e abordagens afrodiáspóricas que endossam as produções de conhecimento desenvolvidas por pessoas negras.

a cor das pessoas que acessam a educação pública brasileira. Mesmo que a passos lentos e largos por parte da estrutura racial no Brasil, em nossa visão, esse processo tem corroborado e reverberado a multiplicidade de produções de pesquisas em que o caráter étnico-crítico-racial é insumo central na produção de conhecimento desenvolvida por pesquisadoras/es negras/os.

Verifica-se na conjuntura dessas produções pluriepistemológicas o questionamento da autoridade na escrita e da representatividade na produção de conhecimento, observa-se a efetivação da participação, colaboração e representação das/os interlocutoras/es em textos coletivos, percebe-se a discussão político-epistemológica engajada com as questões e demandas das pessoas e/ou grupos subalternizados, inferiorizados, silenciados, ampliam-se as dinâmicas ativistas de grupos e/ou coletivos implicados em mudanças institucionais por meio das pesquisas e ações, nota-se um debate comprometido, engajado, crítico e político por meio de variadas abordagens etnográficas; verifica-se o debate étnico-crítico-racial com direcionamentos de/para a destituição dos epistemicídios e demonstra-se a necessidade de descolonização da etnomusicologia.

Salientamos que parte das pesquisas produzidas no campo da etnomusicologia da qual nos aproximamos na produção desta pesquisa, possue uma relação com aplicações com foco em ações colaborativas, participativas, engajadas e políticas, sobretudo por se referirem ao ativismo e à responsabilidade social para com as pessoas e/ou grupos com as quais tais abordagens são desenvolvidas. Esses trabalhos são mediados por vínculos dialógicos com as políticas públicas voltadas para o desenvolvimento e mobilização social, educativa e cultural, com a proteção de territórios e saberes das sociedades ou povos estigmatizados pelas situações de subalternidade acirradas por desigualdades e discriminações, dentre outras violências.

Um exemplo de pesquisa em etnomusicologia que dinamiza os vetores apresentados anteriormente, é *Funk carioca, política, gênero e ancestralidade no Sarau Divergente: uma pesquisa-ação participativa*, Tese de Doutorado defendida em 2018, no PPGM-UNIRIO¹⁴ por Pedro Mendonça, Jhenifer Raul, Matheus Ferreira, Raphaela Yves e Lucas Assis, até aquele momento compreendidos como Grupo de Pesquisa Dona Ivone Lara (GPDIL).

O trabalho resulta da pesquisa no/com/para o Sarau Divergente, evento mensal que teve sua primeira edição em dezembro de 2013 sob o título de *Sarau da APAfunk*. A metodologia utilizada pelo grupo foi a da pesquisa-ação participativa, tomando o processo etnográfico a partir de um viés etnomusicológico como percurso na pesquisa. O trabalho trouxe à baila tendências recentes da área de etnomusicologia que pretendem repensar questões político-epistemológico-metodológicas que possibilitaram ao grupo amplificar as “vozes” de populações historicamente oprimidas, como é o caso de nosso próprio grupo de maioria negra

¹⁴ Para conhecer mais sobre as atividades desse programa de pós-graduação em música, sugerimos acessar o link disponível em: <https://www.unirio.br/ppgm>.

e periférica. A pesquisa desenvolvida por esse grupo articulou em suas linhas conceituais o pensamento filosófico afroperspectivista, buscando afrocentrar as análises das práticas sonoras que aconteciam no Sarau.

A pesquisa questiona a dimensão de qualquer discurso de neutralidade, afirmando a partir da práxis acadêmica, uma construção que possa promover transformação social sendo também útil à comunidade estudada – o Sarau Divergente.

Ao realizarem suas pesquisas e tematizarem a questão racial nas mais diversas áreas do conhecimento, com ênfase nas ciências sociais e humanas, esses sujeitos produzem um conhecimento pautado não mais no olhar do ‘outro’, do intelectual branco comprometido (ou não) com a luta antirracista, mas pelo olhar crítico e analítico do próprio negro como pesquisador da temática racial. Não mais um olhar distanciado e neutro sobre o fenômeno do racismo e das desigualdades raciais, mas, sim, uma análise e leitura crítica de alguém que os vivência na sua trajetória pessoal e coletiva, inclusive, nos meios acadêmicos. Essa inserção, sem dúvida, traz tensões. Enriquece e problematiza as análises até então construídas sobre o negro e as relações raciais no Brasil, ameaça territórios historicamente demarcados dentro o campo das ciências sociais e humanas, traz elementos novos de análise e novas disputas nos espaços de poder acadêmico. É também colocada sob suspeita por aqueles que ainda acreditam na possibilidade de produção de uma ciência neutra e descolada dos sujeitos que a produzem. (Gomes, 2010, p. 496)

Ainda que a universidade insista nas nuances do *status quo* do colonialismo impregnado nos currículos dos programas de ensino, nas práticas das ações de extensão e nos modos de pesquisa, são as pessoas negras que têm colocado na roda implicações políticas pautadas na área da música tomando o debate antirracista antiepistemicida para compor, desde outras perspectivas sonoras, novos paradigmas para a área e para a formação pesquisadores.

Compreendemos que é cada vez mais necessário que pessoas das sociedades indígenas, grupos e/ou pessoas negras, LGBTQIAPN+s, povos do campo, pessoas com deficiência, juventudes, pessoas em situação de vulnerabilidade social, mulheres e quilombolas, sejam as protagonistas de suas próprias histórias e pesquisas para mapear, problematizar, analisar e produzir conhecimento, usando de seus saberes para construir um percurso *outro*, a partir de suas vivências e experiências.

Compreendemos que a produção de conhecimento da etnomusicologia se deu sobre a base da expropriação e da apropriação de saberes e conhecimentos das expressões sonoras de outras culturas fora da Europa e dos Estados Unidos. Esse exercício foi comandado principalmente por homens brancos, possivelmente heteros e privilegiados pela herança colonial de seus eixos colonizadores.

A partir de pesquisas realizadas com grupos e/ou sociedades fora de seus países, um grupo de etnomusicólogas/os e antropólogas/os com interesse na área da música, construiu carreiras, currículos, conceitos e paradigmas para/da área, tomando o caráter exógeno da ordem sonoro-ocidental como mecanismo político nas produções de seus conceitos, abordagens e teorias, que circundam a relação temporal, histórica e contemporânea das áreas em destaque.

Fincados na dinâmica da usurpação, decanas/os expropriaram e se apropriaram de conhecimentos e saberes, desconsiderando a autoria das pessoas protagonistas das variadas culturas pesquisadas e tomaram posse como conquista e propriedade. Regida pela herança devastadora do colonialismo, essa abordagem, foi a forma como esses indivíduos, enquanto grupo dominante no mundo, configuraram a área. Vale ressaltar que essa prática, que foi empregada por pesquisadoras/es no movimento inicial da etnomusicologia e esse esquema, em alguns casos, insiste em persistir atualmente, visto que determinadas teorias, conceitos e metodologias empregadas por essas pessoas ainda são os principais vetores das produções de atuais pesquisas, balizadores em processos de ingresso em programas de pós-graduação, na formação de novas/os etnomusicólogas/os ou antropólogas/os com interesse no campo da música.

A discussão desenvolvida por Rodney William (2019) é pertinente ao debate que aqui promovemos, quando compreendemos a complexidade da questão engendrada na resiliente discussão sobre a descolonização da etnomusicologia. Para o autor, a “apropriação cultural é um mecanismo de opressão por meio do qual um grupo dominante se apodera de uma cultura, inferiorizada, esvaziando de significados suas produções, costumes, tradições e demais elementos” (William, 2019, p. 47).

Apropriação cultural é uma ação praticada por grupos dominantes e seus indivíduos. Consiste em se apoderar de elementos de outra cultura minoritária ou inferiorizada e utilizá-los sem as devidas referências e sem permissão, eliminando ou modificando seus significados e desconsiderando a opressão sistemática muitas vezes imposta por esse mesmo grupo dominante. (William, 2019, p. 64)

Não é difícil identificar variadas pesquisas etnomusicológicas desenvolvidas e tomadas como percurso fidedigno de utilização em novas produções, cujo conceitos e teorias expropriados e apropriados pertencem a outros povos, sociedades e grupos. Isso ocorre pelo fato de a etnomusicologia ter sido criada sob a estrutura colonial, por pessoas, etnomusicólogas/os centro-europeias ou norte-americanas, que detinham o poder, tinham lugar de destaque nas discussões político-epistemológico-metodológicas da área, nas produções de textos acadêmicos de pesquisadoras/es, nas listas de leituras das disciplinas de etnomusicologia na graduação e na pós-graduação, nos processos seletivos de ingresso de discentes no mestrado ou doutorado e nas provas de concurso público para docentes em universidades, dentre outros processos.

Questionar e verificar os traços do insistente colonialismo na academia é necessário. Estranhar o que foi colonialmente contado é necessário. O perigo de uma única história contada, como sinaliza Chimamanda Adichie (2019), produziu e ainda pode produzir inferiorização, subalternização e coisificação do outro e, portanto, de sua sociedade, grupo e etnia. A história sobre as sociedades geograficamente fora do eixo colonizador, estudadas, dissecadas e pesquisadas por grupos privilegiados, auxiliou a estabelecer as experiências sonoras e vivências

culturais de pessoas e/ou grupos da África, Ásia, Oceania e das Américas em um certo lugar de inferioridade em relação à compreensão da música ocidental.

No ato de aniquilação das vozes por aquelas/es que praticam cotidianamente uma determinada ênfase racista, cujos atravessamentos sociais, políticos, culturais dinamizam a experiência do pensamento moderno/colonial da branquitude. Assim, cosmopercepções são excluídas, cabendo nas pesquisas produzidas por essas pessoas somente análises e teorias constituídas a partir de etnografias imbuídas de saber eurocêntrico como norma, legitimando, na produção de conhecimento, uma monoepistemologia metodológica, o que torna pobre uma possível compreensão da experiência, considerando por exemplo que “os elementos estruturais de uma crença não podem ser modificados para se adequar a padrões de outrem” (William, 2019, p. 39).

Na caminhada da herança do privilégio colonial branco, destacamos como exemplo dos vetores até aqui pautados, as interpretações sonoras de diversificadas culturas de África, em que decanas/os tornaram-se especialistas das experiências significativas das sociedades pesquisadas pautando no campo da etnomusicologia conhecimentos e saberes sem um processo de envolvimento da parte dos protagonistas das práticas sonoro-culturais. Essas questões têm sido discutidas por autoras/es africanas/os e de outras diásporas que demonstram a necessidade de uma expansão dos debates político-epistemológicos produzidos e dos desenhos metodológicos utilizados sem seus processos de pesquisa, enquanto protagonistas, pois apontam uma dinâmica antiviolência aos status que legitimam a égide da etnomusicologia.

É verificável que a etnomusicologia, campo no qual estamos inseridos, tem sido amplamente atravessada por essas discussões, alterações, modificações, principalmente quando pessoas como nós, atentas ao percurso colonial da música, tecem em suas pesquisas fundamentos atravessados por perspectivas antirracistas e antissexistas sedimentadas no âmbito das singularidades e sentidos do povo preto.

Assim, fora do *mainstream* branco da musicologia e da etnomusicologia, trazemos para essa seção do texto, pensamentos e reflexões que têm sido produzidas em países da África e de outras diásporas, enquanto debate político-epistemológico que fogem da ordem ocidental, para compor esse mapa teórico, conceitual, epistemológico e metodológico, no debate sobre uma outra forma de fazer, pensar e pesquisar música.

Talvez pudéssemos intitular esta etnomusicologia que aqui escrevemos como musicologia afroperspectivada, ao modo como discutem e refletem algumas autoras/res africanas/os e afrodiáspóricas/os que destacamos nas linhas posteriores, cremos que poderíamos contribuir para as discussões em torno do prefixo “etno”, mas temos interesse em pensar, compor e ativar o debate sobre etnomusicologias. Compreendemos que essa é uma discussão que tem sido travada e mediada por pessoas que tiveram suas produções sonoro-culturais expropriadas

e apropriadas, no âmbito das associações internacionais e nacionais de etnomusicologia e musicologia (que dialogam com a profusão sonora do mundo) e tem tomado volume com o passar dos anos.

As/os autoras/es que buscamos para compor as ideias centradas nesse percurso da tese têm se compreendido como musicólogos africanos, por entenderem que se as músicas produzidas no continente africano são músicas, então o debate pode e deve ser sobre música, tal qual a musicologia no seu autocentrado estabelecimento faz com a música produzida na Europa, pois as músicas produzidas nos demais continentes do mundo, também são músicas, com outros diferentes esquemas, nuances, concepções, formas, estruturas.

Kwabena Nketia¹⁵, um dos principais etnomusicólogos e compositores de África, tem uma ampla pesquisa de músicas africanas tomando a pluralidade de culturas existentes no continente e interculturalmente com outras diásporas, como anteparo protagonista de suas produções de conhecimento. O pesquisador e musicista, que viveu em Gana, Los Angeles e Londres, colaborou para a construção de um quadro teórico utilizando ênfases, nuances e modos de pensar da música desde a tradição africana, ou como nas linhas posteriores será chamado de musicologia africana como anunciado pelas/os autores em destaque. Colaborou também pioneiramente para a composição de elementos constituintes para uma práxis emancipatória no/do pensamento musical ocidental.

Nesse exercício emancipatório de uma única história, ou modo de produção de pesquisa etnomusicológica ou musicológica, verificamos a entrevista realizada por Ricardo Tacuchian a Kwabena Nketia, na ocasião do I Simpósio de Música promovido pela Universidade Federal da Bahia, em 1991. Uma das questões trazidas por Tacuchian é o fato de as/os latino-americanas/os utilizarem de metodologias europeias e norte-americanas já consagradas no âmbito da/na pesquisa das músicas tradicionais. Nketia responde:

No meu ponto de vista é que cada pesquisador determine sua própria metodologia em função do contexto onde se insere de fato etnomusicológico. Não existe uma metodologia única para todo o globo terrestre. O pesquisador lida com evidências colhidas da tradição oral, dentro de uma específica condição social. Os pesquisadores latino-americanos, neste modo, poderão trazer uma importante contribuição nas formulações teóricas e interpretativas que surgirem de seus trabalhos. Insights originais poderão surgir do estudo da aculturação latino-americana transformada numa mola propulsora de criação de novas culturas. (Nketia; Tacuchian; 1991, p. 142)

A resposta dada por Nketia (1991), nessa entrevista, aponta para nós do *NEGÔ* alguns rumos metodológicos no que concerne o exercício dos modos de compreensão e experiência daquilo que se escuta, visualiza e o corpo realiza na pista da festa *BATEKOO*. Destacamos por exemplo a compreensão de termos ampla atenção sobre os esquemas compostoriais de DJs das/nas produções sonoras que

¹⁵ Destacamos alguns títulos de publicação que podem expandir o conhecimento sobre as produções de Kwabena Nketia, *African music in Ghana* (1963); *The Music Of Africa* (1964); *Ethnomusicology and African Music* (2000); *A profile of Kwabena Nketia: Scholar and Music Educator* (2003).

se orientam pelas ênfases e nuances da música eletrônica de pista, a partir dos *samples*, dos *beats*, dos *singles* quentes e envolventes que incentivam a bateção de *KOO* e bem como os demais aspectos de construção acústica articulados na trama social no percurso da festa.

Compreendemos com Nketia (1991) que é necessário deixar para trás o racismo acadêmico enquadrador e estabelecer novas e criativas formas de se produzir conhecimento. É urgente romper com o *modus operandi* desenhado como norma do colonialismo acadêmico micro e macro instância, como sinalizam Mapaya e Muglovani (2020). Entendemos que foi preciso avançarmos no conhecimento individual das produções das nossas irmãs e irmãos africanos, afrodiáspóricos e afro-brasileiros para observar e compreender quais são os outros mecanismos metodológicos, pois o que tivemos ciência em nosso percurso formativo foi mediado por aqueles que expropriaram e se apropriaram das culturas sonoras fora de seus eixos político-geográficos.

O epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, o epistemicídio implica um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo a de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimização do negro como portador e produtor de conhecimento e pelo rebaixamento da sua capacidade cognitiva; pela carência material e/ou pelo comprometimento da sua autoestima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento considerado legítimo ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado, sequestrando a própria capacidade de aprender. É uma forma do Outro ou pela assimilação cultural que, em outros casos lhe é imposta. Sendo um processo persistente de produção da inferioridade intelectual ou da negação da possibilidade de realizar as capacidades intelectuais, o epistemicídio se efetiva sobre seres humanos instituídos como diferentes e inferiores racialmente, como uma tecnologia que integra o dispositivo da racialidade e que visa o controle de mentes e corações. (Carneiro, 2023, p. 88 – 89)

O percurso que se constrói na pesquisa que desenvolvemos e nesse artigo é além-epistemicídio. Com Sueli Carneiro (2023) verificamos o quanto cruel é esse ato, principalmente quando não encontramos interlocução com a produção de conhecimento africana e afrodiáspórica nos nossos processos formativos. Como exemplo desse percurso epistemicídio, temos os textos que são utilizados em muitos dos programas de pós-graduação em música no Brasil, que reverberam em pesquisas, dissertações e teses na área.

Muitos dos textos utilizados como base político-epistemológica nos debates formativos são o que chamamos, nós pessoas negras no Brasil, de negrólogos e que Meki Nzéwi chama de africanistas expoentes da cultura (Nzéwi, 1997) e não dos próprios protagonistas, pois esses, diante dos processos expropriadores e apropriadores ganham espaços em periódicos importantes do campo, tais como

Yearbook for Traditional Music¹⁶, British Journal of Ethnomusicology¹⁷, Ethnomusicology¹⁸, dentre outros, que em alguns casos contam histórias que não lhes pertencem¹⁹. O epistemicídio a qual endossamos com Sueli Carneiro é um dos empecilhos que nos impossibilita a aproximação com os conhecimentos produzidos por quem é protagonista de sua própria história.

Compreendemos por fim, que percursos contracoloniais têm sido ativados por pessoas negras pesquisando nos espaços acadêmicos, onde o campo da pesquisa etnomusicológica é desenvolvido. Tornarmo-nos protagonistas de nossas próprias histórias e podemos compor nossos próprios processos de pesquisa em música, utilizando das nossas bases político-epistemológico-metodológicas, identificando-nos como intelectuais negras/es/os colaboradoras/es para processos de descolonização da música (etnomusicologia).

3. Uma Etnomusicologia *NEGÔ*: quilombista/cuírlombista

A festa da *BATEKOO*, para nós, é uma encruzilhada. Nessa encruzilhada, corpos negros se encontram para celebrar a negritude como ato contra a necropolítica que insiste em nos exterminar (Mbembe, 2018). É lugar seguro de trânsito de pessoas negras, LGBTQIAPN+s, gordas, com deficiência. É um local de tombamento, afrontamento, lacração e de afeto entre pessoas negras. É um local de respeito às minas, às monas e às suas inscrições no mundo. É um lugar onde as pessoas podem ser o que elas desejam ser. Encruzilhada onde corpos variados transitam e onde a dinâmica de “bater o *XXX*” é expressão marcante da transgressão e da libertação. Encruzilhada de esquemas sonoros que, com o tamborzão do ritmo frenético da juventude negra e LGBTQIAPN+, amplificam suas vozes. Atravessam, nessa encruzilhada, estéticas sonoras, corpóreas e imagéticas.

A festa *BATEKOO* apresentou-se para as/os suas/seus praticantes como um espaço que tem a experiência acústica e o fervo como elemento base. Utiliza de gêneros musicais negrobrasileiros, de outras diásporas e de África como expressão e afirmação da negritude, em sua proposta estética, ética e étnica. Expressões sonoras são ativadas por artistas DJs e cantoras/es e pelas pessoas que se deixam mediar pela pista, ao som do pancadão e ao luxo da colocação. Vale salientar que a *BATEKOO* inscreve e possibilita que artistas fora do *mainstream*, outorgado pela indústria do entretenimento e difusão musical, possam ocupar um espaço de destaque em suas festas e demais ações.

¹⁶ Para obter maiores informações sobre o periódico, propomos acessar o link disponível em: <<https://www.jstor.org/journal/yeartradmusi>>. Acesso em 5 jul. 2024.

¹⁷ Para obter maiores informações sobre o periódico, propomos acessar o link disponível em: <<https://www.jstor.org/journal/britjethn>>. Acesso em 5 jul. 2024.

¹⁸ Para obter maiores informações sobre o periódico, propomos acessar o link disponível em: <https://www.ethnomusicology.org/page/Pub_Journal>. Acesso em 5 jul. 2024.

¹⁹ A maior parte de literatura sobre música africana é de autoria de africanistas que não são africanos. A lista de textos pioneiros inclui obras de John Blacking e seus contemporâneos, todos de ascendência européia. Até o momento, a maioria dos periódicos ainda insiste na citação de seus autores para confirmar o mérito do artigo. Citar praticantes indígenas com os quais esses estudiosos aprenderam e destilaram suas teorias geralmente não é permitido: na verdade, é considerado não acadêmico (Mapaya, 2018, p. 121).

Observamos a festa como um dispositivo mediador de experiências negras do Brasil, de outras diásporas e de África. É importante destacar que uma das medidas de afirmação da negritude no Brasil, advém da experiência na cultura no seu percurso plural, enquanto uma resposta à assimilação cultural e supremacista branca (Munanga, 2019), que por anos na estrutura colonial do país, tornou as experiências e vivências das pessoas negras algo inferior. Por isso compreendemos, a partir das nossas vivências na festa, que devemos observá-la como esse lugar pujante de mergulho na negritude e sexualidade.

A festa, ao nosso ver, cumpre dois papéis: o educativo e o político. Educativo porque proporciona aos seus praticantes um espaço seguro, em termos de respeito e de tranquilidade, e acolhedor das diferenças pautadas em valores negros e atentos às dimensões criativas da sexualidade. Político porque se apresenta interventor na esfera do novo criando e disputando outras narrativas na como cultura, trazendo a produção negra estética como elemento primordial na configuração de suas ações.

A *BATEKOO* proporciona esse lugar de acontecimento expandido utilizando a dinâmica espiralar das performances do tempo, alimentando-se da ancestralidade e compondo-se com a continuidade, erguendo a voz do coletivo jovem, negro e dissidente sexual, a partir dos anseios e das representações de raça, gênero, sexualidades, subjetividades e políticas culturais (hooks, 2019a, 2019b, 2019c).

A festa é um espaço em que a cultura negra é potência; espaço de efusão de vida. Trata-se de um lugar civilizatório em que a cultura negra é propiciada pela necessidade de existir, na amplitude do que a palavra sugere, na qual a pluralidade de crenças, valores, sentimentos, vivências, experiências são as maiores dinamizadoras das concepções que acontecem nessa encruzilhada. A partir de nossas vivências e experiências nesse espaço, compreendemos essa festa, a partir da noção de Leda Maria Martins sobre encruzilhada, como espaço de encontros e desencontros, práticas, concepções, sentidos e saberes diversos:

Da esfera do rito e, portanto, da performance, a encruzilhada é lugar radial de centramento e descentramento, interseções e desvios, texto e traduções, confluências e alterações, influências e divergências, fusões e rupturas, multiplicidade e convergência, unidade e pluralidade, origem e disseminação. Operadora de linguagens e de discursos, a encruzilhada, como lugar terceiro, geratriz de produção sínica diversificada e, portanto de sentidos plurais. (Martins, 2003, p. 70)

Foi nessa encruzilhada que nos conhecemos. A festa da *BATEKOO* nos uniu. Nós estávamos lá, em tempos diferentes, mas não nos conhecíamos. Logo no primeiro encontro uma sinergia nos conectou. Éramos estilhaços diáspóricos e hoje aquilombados enquanto *NEGÔ*, articulados em um movimento de pertencimento social, ancestral, espiritual, político, afetivo e econômico desenvolvemos essa pesquisa nessa encruzilhada chamada festa *BATEKOO*.

Foi, então, a partir da demanda da pesquisa, de ativar um diálogo mais proximal com outros praticantes da festa, que esses corpos estilhaços se juntaram e criaram um corpo quilombo, com convergências e divergências, articulando nesse

processo a escuta atenta das nossas e dos nossos – as/os negras/os, que vieram antes de nós como uma perspectiva ontológica, política e crítica aos modelos operados pela modernidade/colonialidade²⁰ na produção de conhecimento. A festa da *BATEKOO* fez acontecer a arte do encontro de estilhaços afrodiáspóricos.

Nosso modo de escutar, olhar, compreender e viver a pesquisa, que lida com a negrografia das práticas sonoras da festa, dá atenção ao gênero musical que é fortemente demarcado na cidade do Rio de Janeiro: o *funk carioca*, em especial o 150 BPM. Ritmo “louco”, como é conhecido nas pistas cariocas, tem uma sonoridade mais acelerada e dialógica com a juventude que é rápida no drible na ginga e sagaz nos corres do cotidiano, em que o viver é o rolê certo.

“É som de preto, de favelado e quando toca ninguém fica parado”, já mandavam o papo reto os MCs Amilcka e Chocolate. Na festa, que acontece na cidade bela e bética, o *funk carioca* junto com outros gêneros musicais negros e tem sido elemento de lacração dos corpos negros, de bixas, lésbicos, héteros, travestis, transsexuais, com deficiência, para os quais a bateção do tamborzão reafirma a possibilidade de existência. Aqui neste QR Code temos o acesso à música dos MCs:



Música 1: É som de preto de favelado e ninguém fica parado²¹.

Escreviver por nossas próprias mãos sobre o que é nosso é, sem sombra de dúvidas, para nós, um ato de proliferação de existência e inscrição no mundo. A metodologia é um mapa, imbuído de estratégias, táticas, dribles e esquivas do racismo institucional e das violências sexistas e contra toda forma de opressão e distorção. Com Tatiana Nascimento, cuírlombista, compreendemos que, por meio da escrita, podemos nos reorganizar, resistir e então construir afrofuturos a partir de hoje.

Com a orientação desse mapa, nossa intenção é inquietar, desafiar e subverter os caminhos instituídos, que pouco ou nada dialogam com nossas perspectivas

²⁰ O grupo Modernidade/Colonialidade pode ser compreendido como um movimento acadêmico de intelectuais que discutem apontam caminhos político-epistemológicos como dimensão crítica desde o campo das ciências sociais na América Latina. Destacamos alguns nomes e títulos de textos que dinamizam parte da produção desenvolvida por este grupo. De Catherine Walsh, “Interculturalidad y (de)colonialidad: perspectivas críticas y políticas”; de Santiago Castro-Gómez, “Ciencias sociales, violencia epistémica e o problema da ‘invenção do outro’” (2005); de Enrique Dussel, “Europa, modernidad y eurocentrismo” (2000); de Santiago Castro-Gómez e Ramon Grosfoguel, *Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico* (2007); de Arthuro Escobar, “Mundos y conocimientos de otro modo: el programa de investigación modernidad/colonialidad latinoamericano” (2003); de Nelson Maldonado-Torres, “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto” (2007); de Walter Mignolo, *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad* (2010).

²¹ YOUTUBE. Som de Preto – Amilcka e Chocolate – Vídeo Oficial. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4aa7Bj2NY>. Acesso em: 2 ago. 2024.

enquanto pessoas negras. Esse mapa ativa em nós os percursos a serem seguidos de modo rebelde, em constante deslocamento e aniquilamento do projeto colonial, por se tratar de metodologia implicada em reescrever, escrevendo, uma história contada por nós mesmos, como protagonistas e não mais como objetos de pesquisa.

A etnomusicologia na qual acreditamos, e que buscamos fazer, é conectada aos nossos corpos, mentes, sexualidades, memórias, sentidos, imaginários, espiritualidade e vivências cotidianas das nossas vidas. A etnomusicologia que fazemos não separa, não hierarquiza, não é neutra, não é cartesiana e muito menos separatista, pelo contrário, a nossa etnomusicologia é uma “conceituação negro-fundamentada da e desde a negritude diaspórica dissidente-sexual” (A. Nascimento, 2018, p. 1). Assumimos um percurso de pesquisa que se apoia na contracolonialidade, mediada pelo pensamento negro intelectual produzido nas diversificadas ações, organizações e instituições que compõem o movimento negro nas relações entre África e suas diásporas.

Nem sempre os instrumentais metodológicos e as tradicionais categorias de análise construídas sob a égide da lógica da racionalidade ocidental moderna dão conta de interpretar a complexidade de expressões e vivências afro-brasileiras. Tal situação impele esse grupo de intelectuais a conhecer o cânone e as teorizações sobre as relações raciais por ele já realizadas e produzir outros conhecimentos, teoria e metodologias que possibilitem um outro tipo de análise mais aprofundada sobre a complexidade da dimensão étnico-racial brasileira e latino-americana sob o ponto de vista dos próprios negros. (Gomes, 2010, p. 510)

Percorrendo um percurso civilizatório (Trindade, 2005) fundado em uma dimensão afroperspectivada, a pesquisa, que discutiu questões relacionadas ao diálogo entre experiência sonora, juventude negra e LGBTQIAPN+ e suas dimensões de intersecção no Brasil – que tem como marca o ativismo enquanto interferência nas dinâmicas da sociedade – destaca que nossa ação política, forjada no pensamento negro intelectual, é um ato antirracista, pois compreendemos, com Antônio Bispo dos Santos (2015), que o que fazemos atualmente é agir como interlocutores com o passado e, consequentemente, como interlocutores do futuro.

Ao defendermos a ideia de etnomusicologias dos Brasis, saindo do percurso singular e ativando o modo plural, compreendemos a gama de práticas e pesquisas que esse campo de conhecimento é capaz de articular. Por ser um campo que é feito com/por/para pessoas (Cambria; Fonseca; Guazina, 2016) verificamos uma possibilidade de falarmos por nós mesmos e com as nossas negras ciências, afirmado com a citação em destaque, que a “racionalidade ocidental”, aprisionada no *ethos* da branquitude, não dá conta da “complexidade” da construção dos conhecimentos de quem comprehende que corpo e subjetividade são um só na égide do pensamento negro.

Com Renato Nogueira (2014, 2015, 2016 *et al.*), partimos das nossas vivências individuais e coletivas na festa *BATEKOO*, em que as expressividades das pessoas praticantes desse babado são mergulhadas numa afrocentricidade estético-

sonora-visual, expressão da sexualidade e atravessadas por signos e símbolos que possibilitam estar em um lugar possível de segurança.

A afroperspectiva é uma maneira de fazer filosofia que recusa a verticalidade edificada, ela nos convida a pensar em termos de horizontalidade, como é o caso do uso da roda como método. A roda é um projeto de construção colaborativa na qual tudo ocorre em espaços intersticiais, território de conflitos e negociações. (Nogueira *et al.*, 2016, p. 284)

Nessa roda circulante de muitas vivências, nossos pontos de vista e as formas que nos inscrevemos no mundo fazem parte do bojo da pesquisa. Temos a certeza desse percurso negrograficamente etnomusicológico por entendermos que uma dimensão plural de construção de conhecimento, é possível se coletivamente construída, enquanto tecnologia negro intelectual.

Guiadas/os por mapas, cartas e manifestos afroatlânticos temos a certeza de que essa pesquisa que produzimos se relaciona com processos de libertação do povo negro. Tecer inflexões sedimentadas no pensamento negro intelectual enquanto uma perspectiva contracolonial (Santos, 2015) é, junto com mais um monte de negros, em diversificadas ações, fazer estancar o sangue da ferida que nunca foi tratada no Brasil e que sangra todo santo dia: o colonialismo. Distante dos privilégios que competem ao mundo monoepistemológico, escolhemos combater nós mesmos o racismo epistemológico.

O racismo epistêmico ou epistemológico é uma das dimensões mais perniciosas da discriminação étnico-racial negativa. Em linhas gerais, significa a recusa em reconhecer que a produção de conhecimento de algumas pessoas seja válida por duas razões: 1º) Porque não são brancas; 2º) Porque as pesquisas e resultados da produção de conhecimento envolvem repertório e cânones que não são ocidentais. Penso que a disputa para derrotar, ainda que parcialmente, o racismo epistemológico está no esforço por diversificar as leituras. Combater a injustiça cognitiva começa por deixarmos de privilegiar os modelos epistemológicos ocidentais. (Nogueira, 2015, p. 4)

Em diálogo com Renato Nogueira (2014, 2015, 2016 *et al.*), Mapaya (2018) e Madimabe Mapaya e Ndwanato Mughovani (2018, 2020), percebemos que para desenvolver uma pesquisa etnomusicológica afroperspectivada necessitávamos de ampla atenção às astúcias do racismo. Devido ao fato de que a academia é dominada por culturas das oligarquias do poder estruturalmente racistas, em que as vozes das autoridades sempre são dessas culturas coloniais, foi necessário que nós, pessoas negras, utilizássemos das nossas ferramentas banhadas nesse afroatlântico como propriedade intelectual, para não cairmos nas invenções eurocêntricas hegemônicas moldadas dentro do discurso acadêmico.

Com Maria Beatriz Nascimento, nós *BATEKOO*, ao rompermos com o que nos foi contado nas nossas aulas de história na educação básica ou nos canais de comunicação e difusão de conhecimento, sobre o quilombo ser um espaço de “negro fujão”, aprendemos outros modos de articulação, proteção e relação com os modos de vida ceifados no percurso constituinte da escravização. Aprendemos com a atlântica, mulher, negra, nordestina, migrante, professora, historiadora, poeta,

ativista e pensadora, como sinaliza Alex Ratts²², importante pesquisador e organizador das obras de Beatriz, que o quilombo é “um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional” (B. Nascimento, 2021, p. 167).

Durante sua trajetória o quilombo serve de símbolo que abrange conotações de resistência étnica e política. Como instituição guarda características singulares do seu modelo africano. Como prática política apregoa ideais de emancipação de cunho liberal que a qualquer momento de crise da nacionalidade brasileira corrige distorções impostas pelos poderes dominantes. (B. Nascimento, 2021, p. 166)

O quilombo apresentado por Beatriz nos aponta caminhos de resistência política com sentido étnico centrado na negrura como forma de enfrentamento aos ditames raciais que insistem em persistir sobre nossos corpos e vidas. Esse quilombo que Nascimento põe na roda, como uma outra face do Brasil, nos deu pistas para compreender que a festa *BATEKOO* pode ser um quilombo, uma vez que, diante de sua afirmativa, que o “corpo negro é também um quilombo”, e para o trabalho que desenvolvemos e que praticamos nesse espaço, fica evidente que pensar um processo metodológico a partir das dinâmicas colaborativas, dos processos de resistência e das perspectivas emancipatórias do quilombo são compostos políticos e afroperspectivados dessa pesquisa.

A importância dos “quilombos” para os negros na atualidade pode ser compreendida pelo fato de esse evento histórico fazer parte de um universo simbólico em que seu caráter libertário é considerado um impulsionador ideológico na tentativa de afirmação racial e cultural do grupo. (B. Nascimento, 2021, p. 109)

Nesse caminho libertário, emancipatório e transgressor do quilombo apontado por Beatriz Nascimento recorremos também, para compor nosso baile, a um conceito desenvolvido por Abdias Nascimento. Ele definiu quilombismo como uma forma de articulação do povo negro, confluente em ação proativa, integrada e organizativa contra o racismo e toda sua forma de opressão, discriminação e segregação. Para Abdias Nascimento o quilombismo é

um instrumento conceitual operativo que se coloca na pauta das necessidades imediatas da gente negra brasileira, o qual não deve nem pode ser fruto de uma maquinção cerebral arbitrária, falsa e abstrata - e tampouco um elenco de princípios importados, elaborados com base em contextos e realidades diferentes. A cristalização dos nossos conceitos, definições ou princípios deve exprimir a vivência de uma cultura e de práxis da coletividade negra, deve incorporar nossa integridade de ser total, em nosso tempo histórico, enriquecendo e aumentando nossa capacidade de luta. (A. Nascimento, 2009, p. 204)

Segundo o entendimento das complexidades individuais, pautamos aqui uma ação coletiva que parte do interesse de resgatar atividades desenvolvidas por pessoas negras, em prol da luta contra estigmatizações, coisificações, demonizações

²² Intelectual negro e organizador da obra de Beatriz Nascimento com destaque aos textos de título: *Eu sou Atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento* (2006) e *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos* (2021).

e uniformizações de nossas ações e vidas, enquanto pessoas negras, atentando para os interesses plurais focados no combate ao racismo, na positivação dos saberes que nos regem nas ações políticas contra as privações causadas pelo racismo.

Destacamos assim que a pesquisa tem como fundamento o rompimento com o viés canônico, que impera no fazer acadêmico, e visa a consideração de nós, enquanto agentes plurissignificantes diaspóricos, a partir de uma base epistêmica e metodológica. Evidenciamos nossos sistemas e construções como lugar primeiro para edificação de políticas e modos de operação que rompem com os interesses coloniais que ainda imperam em nossa sociedade, na busca de reconhecimento identitário, enquanto uma reconstrução ontológica que perpassa a individualidade e a coletividade negra.

Precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas, conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro. Esta se apresenta como a tarefa da atual geração afro-brasileira: *edificar a ciência histórico-humanista do quilombismo*. (A. Nascimento, 2009, p. 204-205 – grifos nossos)

Consideramos que nosso ajuntamento, configurado nesse grupo de estudos pesquisa, como uma dinâmica quilombista – segundo o entendimento que todo corpo negro é um quilombo – e confiando no ideal que um conjunto corporificado por pessoas negras tem em si, na qualidade de um princípio africano que denota união “no momento em que o negro se unifica, se agrega, ele está sempre formando um quilombo” é que configuramos nossa metodologia de pesquisa que ativa sentidos de ancestralidade e continuidade (B. Nascimento, 2018, p. 126).

Com Tatiana Nascimento, na sua proposta poética negra e LGBTQIAPN+ com o queerlombismo/cuírlombismo, compreendemos que essa pesquisa também é uma forma de “reorganizar nossa própria história, nossa própria narrativa, nossa própria subjetividade”. É libertário para nós, compormos uma negrografia das práticas musicais da festa, que é espaço de expressão do que somos, tomando caminhos ancestrais como metodologia de construção da nossa contribuição com a continuidade. O vetor queerlombismo/cuírlombismo é uma possibilidade de contracolonização no modo de elaborar e produzir conhecimento.

cuírlombismo/queerlombismo como esse aqueerlombamento, processo de nos constituirmos através/a partir da palavra como queerlombo > cuírlombo, em que o remontar-se/recriar-se pelas palavras e o seu compartilhamento é um fazer mítico no sentido mais fundacional do termo: nos reinventamos não só apesar do silenciamento colonial htcissexualizante mas contra ele e (essa parte é mais importante para mim) a partir de nossas próprias narrativas ancestrais, desenterradas da memória que as histórias mal-contadas guardam, florescidas na pungência que nossos corpos e desejos brotam. (T. Nascimento 2018, p. 4)

queerlombismo > cuírlombismo como política afetiva, hormonal, palavreira, cultural, sexual, revolucionária de fortalecer y florir o queerlombo > cuírlombo de nossa palavra afiada, que não só corta os véus da história engessada, mas corta os laços com um futuro em que não podemos existir, sequer ficcionalizar. que nos desconecta de um projeto de mundo que não só quer que a gente morra - quer que a gente não sonhe.

porque reagir à dor também tem que ser curar a dor, e porque recusar o projeto colonial htcissexualizante é refundar nossas próprias práticas / experiências / subjetividades negras cuíer, penso que mais que reagir, mais que denunciar, podemos nos recusar a fazer de nossa literatura unicamente um projeto de denúncia e desmonte desses modelos hetecissexistas que tentam apagar nossa queeráspora, tentando nos definir a partir apenas de sua mirada. (T. Nascimento, 2018, p. 8)

Tatiana Nascimento nos ensina na ginga da artimanha sudaka e amefricana, a partir da reconfiguração queerlombismo para com o cuírelombismo, a falar, conectar, dialogar com as/os nossas/os. Por esse caminho também seguimos, pois pode ser no jogo morfológico da palavra, bem como ela defende, que podemos rasurar, reescrever e reconstruir sentidos a partir de nossas demandas, experiências e trajetórias. A autora usa os vetores de mobilização a partir da árdua luta do povo negro durante o período escravagista, de organização da dinâmica de manutenção das identidades africanas no quilombo pontuados por Beatriz Nascimento e da articulação política do quilombismo proposto por Abdias Nascimento para compor a dimensão conceitual do cuírelombismo, enquanto percurso de resistência contra os pilares da hiperheterocissexualização.

Esse vetor de recriar-se a partir da anunciação nos auxiliou a compreender as relações entre gêneros, sexualidades e os processos de des-heterossexualização e des-cisnormatização que acontecem na festa partindo do som, performance, corporeidade, luz, batidão, close, fechação, montação, papo reto, entorno de práticas musicais de expressões e fundamentos negros e LGBTQIAPN+ em uma construção coletiva que se faz entre pista e DJs.

Compreender as práticas sonoras e os enredos plurais nos quais elas se inserem, nesse rolê de festa de gente negra e LGBTQIAPN+, com as vivências alimentadas por expressões sonoras, culturais e de sexualidades assentadas em tecnologias ancestrais para ativação da continuidade, atravessados pelo vetor queerlombismo/cuírelombismo, nos auxiliou na condução metodológica de escrevivenciar.

Optamos, nós do *NEGÔ*, por seguir em um caminho libertário e autônomo traçando novas perspectivas de caráter étnico crítico racial antissexista, sobre um percurso adotado pela academia – que por meio de seus mecanismos impositivos na pesquisa, no ensino e na extensão, calcados na ação bancária, definem historicamente quais são os dispositivos “corretos” de produção de conhecimento e que por meio desses, implícita e explicitamente, cerceiam modos de fazer pesquisa, desenvolver práticas pedagógicas e aplicá-las na sociedade.

Por buscarmos alicerçar nossa pesquisa nas bases do quilombismo/cuírelombismo, nos quais a participação múltipla de nossas vozes e corpos em movimento, apontam demandas necessárias à escuta do universo que praticamos como protagonistas, é necessário termos em mente que esse percurso sinaliza construções coreográficas possíveis de diálogo com o debate sobre experiência sonora e demais vetores de intersecção que verificamos ser pertinentes ao debate que promovemos. Partindo da ideia de que somos praticantes e

participantes – festeiras/os e trabalhadoras/es – do espaço no qual conjuntamente desenvolvemos a pesquisa, o nosso olhar observante é ativado por multidimensões, cosmopercepções, ativações dadas aos modos como nos relacionamos com a festa. Esses olhar foi importantes para as compreensões das questões que elencamos para dinamização da pesquisa.

Na prática, adotamos enquanto mecanismo o registro realizado no famoso caderno de campo após o dia da festa, depois de curar a ressaca: já que nossa negrografia é alcoolizada. Como aponta Luciana Xavier de Oliveira (2022) e pautada sobre a ciência do rebolado como nos ensina a chefona Taísa Machado (2020), o caderno foi composto pelos nossos corpos e vozes que experienciaram todo o tamborzão na reunião de gente negra e LGBTQIAPN+. Esse processo é realizado individual e coletivamente.

O que fazíamos posteriormente à festa, em nossas reuniões, era trocar uma ideia e construir um registro coletivo dos pontos que invariavelmente decidimos compartilhar. Estando juntos ou separados durante a festa, o ato de compartilhamento possibilitou a construção de uma negrografia compostamente participativa, em que as vozes individuais se tornaram coletivas.

Adotamos, como política e ética da pesquisa, o diálogo sistemático com as pessoas envolvidas nas interlocuções, dando a elas o máximo de envolvimento, para não incorrermos no fatídico erro das astutas armadilhas coloniais da composição do texto etnográfico. Ao assumirmos esse compromisso, observamos que determinadas delimitações sobre o que se prescreveu no produto da pesquisa foram acompanhadas por caminhos seguros visando não relegar os nossos negros corpos à margem, mas sim, construir um espaço civilizatório e intelectualmente assentado no quilombismo/cuírlombismo, no qual nossas escritas dançam e nossos corpos escrevem.

Por assim dizer, tomamos na qualidade de encaminhamento formativo, enquanto pesquisadoras/es, a compreensão do que pode ser negrografia, dados apontamentos até aqui destacados, sob a dimensão teórica produzida por cientistas sociais, buscando nesse universo caminhos, táticas, reflexões e estratégias que possam nos auxiliar nos processos enográficos que realizaremos. Como assumimos na pesquisa o caráter afroperspectivista, a descrição das vivências experienciadas por nós – individual e coletivamente, como pessoas negras que somos e não mais como pesquisados e sim como protagonistas – se deram enquanto negroetnografia das práticas sonoras da *BATEKOO*.

A produção de saberes do universo afro-brasileiro da qual intelectuais negros são sua expressão e/ou seus pesquisadores apresenta vários desafios de investigação, tais como: investigar as formas por meio das quais esses universos articula todo um campo de conhecimento, as suas formas de transmissão construídas por meio da memória, da oralidade, da ancestralidade, da ritualidade, da temporalidade, da corporeidade. (Gomes, 2010, p. 510)

Quando afirmamos que desenvolvemos uma negrografia, assumimos um caráter subjetivo de nós que assinamos a pesquisa. Isso é também dizer que a

pesquisa está mergulhada em um debate teórico, político, epistemológico, étnico crítico e racial. Assumimos desde já uma configuração que não se resume ao ato de descrever o evento acontecido em um determinado tempo e espaço, mas sim, em mergulhar em uma dinâmica plural em que o individual e o coletivo se entrecruzam em uma corporeificação de processos que são vivenciados pelas pessoas e por nós, na festa. É dever nosso que esse rolê afrografado, escreviente e pretuguesado, esteja consubstancialmente vivo.

Foi nos esquivando da neutralidade acadêmica, maturada no projeto de branquitude, nós negras/os que somos que tomamos as resistências do quilombo apresentadas por Beatriz Nascimento, o percurso político do quilombismo proposto por Abdias Nascimento e o vetor cuírlombismo como política afetiva palavreira, como metodologias de pesquisa. Esses foram e são os mapas que orientaram e seguem orientando os nossos caminhos, na condução da discussão afrossônica que defendemos.

4. Considerações de continuidade

Tomando posse da perspectiva interdisciplinar, enquanto *NEGÔ*, destacamos que a construção desse trabalho se deu em um movimento afroperspectivado, por ser necessário que nós, abarcados de toda diferença que carregamos em nossos corpos e subjetividades, tivéssemos uma escuta atenta, ativa e expandida, para que, democraticamente, pudéssemos desenvolver os modos de escrita coletiva que desenvolvemos dentro de um corpo quilombista/cuírlombista de nossa pesquisa.

Nossa etnomusicologia se desenvolveu em um engajamento comunitário de produção de conhecimento como um instrumento indagativo à universalidade branca, sexista, elitista e racista, em detrimento de uma perspectiva que está centrada na pluriversalidade do pensamento-ação afrodiáspórico e dissidente sexual. A etnomusicologia que defendemos na pesquisa é afroperspectivada. Foi por meio do diálogo entre práxis sonora e interseccionalidade, que experienciamos uma forma *outra* de fazer pesquisa.

Uma etnomusicologia *NEGÔ* que desenvolvemos articulou dispositivos contra hegemônicos e se alinhou ao exercício intelectual do nosso povo negro para a condução da pesquisa. Compôs articulações com o pensamento afrodiáspórico centrado na festa, no funk, na música negra, em diálogo com Beatriz Nascimento, Abdias Nascimento, Tatiana Nascimento e outras/os intelectuais negras/es/os, enquanto claves teóricas, articulando uma construção de outros percursos metodológicos e epistemológicos de pesquisa em música, capazes de fazer com que nossas negras vivências e experiências possuíssem um lugar de protagonismo na produção de conhecimento que nos lançamos a desenvolver.

Compreendemos ser uma etnomusicologia afroperspectivada aquela que ativa os sentidos político-epistemológico-metodológicos produzidos por etnomusicólogas/os a partir da experiência de ser negro compondo ações e práticas

contracoloniais (Santos, 2015). Trata-se de uma encruzilhada de cosmopercepções (Oyewùmí, 2021) que prospectam atos de desobediência (Odara, 2021) ao conhecimento universalizado, pautando conhecimentos *outros*, ou seja, de uma etnomusicologia politicamente afroperspectivada ou, nos termos como tem colocado o nosso querido Presidente de Associação Brasileira de Etnomusicologia (ABET)²³ – Pedro Fernando Acosta da Rosa (2020, 2022), uma Etnomusicologia Negra. Uma etnomusicologia afroperspectivada, ao nosso modo de compreender e praticar, leva em consideração a experiência da pessoa negra no seu cotidiano centrada na negrura, tomando as vivências com a música, no corpo e na subjetividade, como mola propulsora de produção de sentidos, significados e singularidades individuais e coletivas.

As linhas desse trabalho trouxeram expoentes da pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos e Pesquisa Etnomusicológica *NEGÔ* e apresentou escolhas, caminhos e percursos, constituídos sob um mapa condutor dos processos político-metodológico-epistemológicos da pesquisa em etnomusicologia. Nos assistimos tal qual o manifesto do *BATEKOO* Festival. Fomos e somos protagonistas de nossas próprias histórias.

O compartilhamento de proposições, fundadas sobre vetores emancipatórios e libertários, para pensar e pesquisar aspectos da música dentro de uma festa, que tem as expressões e manifestações negras como base, foi necessário para que nos deslocássemos para caminhos sensíveis, em que as nossas escrevivências dançaram, nossos corpos afrografaram e nossos pretugueses amplificaram o desejo de viver (Evaristo, 2020; Martins, 2021; Gonzalez, 2023).

Compreendemos que atitudes negropolíticas na pesquisa em música que dialoguem com os espaços/tempos do que se quer produzir enquanto conhecimento tenham como abordagem a responsabilidade social e cognitiva, sobretudo na condução político-epistemológico-metodológica dos seus percursos.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Trad. Julia Romeu. 1^a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Pôlen, 2019.

ARAÚJO, Samuel. O campo da etnomusicologia brasileira: formação, diálogos e comprometimento político. In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). *Etnomusicologia no Brasil*. Salvador: Editora UFBA. p. 7-18. 2016.

BENTO, Cida. *O Pacto da Branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

²³ Para obter maiores sobre a Associação Brasileira de Etnomusicologia, propomos acessar o link disponível em: <<https://www.abet.mus.br/inicio/>>.

CAMBRIA, Vincenzo; FONSECA, Edilberto; GUAZINA, Laize. “Com as pessoas”: reflexões sobre colaboração e perspectivas de pesquisa participativa na etnomusicologia brasileira. *In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). Etnomusicologia no Brasil.* Salvador: UFBA, 2016. p. 21-45.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. *Dispositivo de racialidade: A construção do outro com não-ser como fundamento do ser.* 1^a ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Intersectionality.* 2^a. ed. Cambridge: Polity, 2020.

DUQUE, Eduardo. *O pulo do Gato: reflexões de um pesquisador nativo sobre uma escola de samba carioca.* Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, 2007. Disponível em: https://medium.com/@eduardoduque_41947/o-pulo-do-gato-2a980f58e785. Acesso em: 2 ago. 2024.

EVARISTO, Conceição. A Escrevivência e seus subtextos. *In: Escrevivência: a escrita de nós: reflexos sobre a obra de Conceição Evaristo.* DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. 1^a. Ed. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Intelectuais negros e a produção de conhecimento: algumas reflexões sobre a realidade brasileira. *In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Org.) Epistemologias do Sul.* São Paulo: Cortez, 2010.

GOMES, Nilma Lino; LABORNE, Ana Amélia de Paula. Pedagogia da Crueldade: racismo e extermínio da juventude negra. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v. 34, e197406, 2018.

GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Flávia Rio, Márcia Lima (Org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. *Anseios: raça, gênero e políticas culturais.* Tradução Jamille Pinheiro. São Paulo: Elefante, 2019a.

hooks, bell. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra.* Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019b.

hooks, bell. *Olhares negros: raça e representação.* Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019c.

LAGO, Jorgete Maria. *Portal Mestras da cultura popular em Belém-PA: narrativas de vida, ativismos culturais e protagonismos musicais.* Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-graduação em Música da UFBA. Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27517>. Acesso em: 2 ago. 2024.

LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de. Etnomusicologia no Brasil: reflexões introdutórias. *In: LÜHNING, Angela. TUGNY, Rosângela Pereira de (Orgs.). Etnomusicologia no Brasil.* Salvador: UFBA, 2016b. p. 21-45.

MACHADO, Taísa. *O Afrofunk e a ciência do rebolado.* Coleção Cabeças da Periferia. Rio de Janeiro: Cobogó, 2020.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

MAPAYA, Madimabe G. Dipsticking the Study of Indigenous African Music from the John Blacking Era into the 21st Century. In: MAPAYA, Madimabe G.; MUGOVHANI, Ndwamato G. (Orgs.). *John Blacking and Contemporary African Musicology: reflections, reviews, analyses and prospects*. Cidade do Cabo: Centre for Advanced Studies of African Societies, 2018. 113–128.

MAPAYA, Madimabe G. Ordinary African Musicology: An Africa-sensed Music Epistemology. In: MAPAYA, Madimabe G.; MUGOVHANI, Ndwamato G. (Orgs.). *John Blacking and Contemporary African Musicology: reflections, reviews, analyses and prospects*. Cidade do Cabo: Centre for Advanced Studies of African Societies, 2018. 25-42.

MAPAYA, Madimabe G.; MUGOVHANI, Ndwamato G. Musicologia Comum Africana: Uma Epistemologia Musical de Perspectiva Africana. *Revista Claves*, v. 9, n. 14, p. 81-100, 2020.

MARTINS, Leda Maria. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Revista Letras*, n. 26, p. 63-81, jun. 2003.

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: N-1, 2018.

MELLO, Anahi Guedes de. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 21, n. 10, p. 3265-3276, 2016.

MENDONÇA, Pedro Macedo; ASSIS, Lucas; RAUL, Jhenifer; YVES, Raphaela; FERREIRA, Matheus. *Funk carioca, política, gênero e ancestralidade no saraú divergente: uma pesquisação participativa*. Rio de Janeiro, 2018. Tese (Doutorado em Música). Instituto Villa-Lobos, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <<http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12708?show=full>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

MUNANGA, Kabenguele. *Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. São Paulo: Editora Autêntica, 2019.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (Org.). *Afrocentricidade: uma abordagem inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira:4)

NASCIMENTO, Abdias do. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. 3^a ed. Ver. São Paulo: Perspectiva; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.

NASCIMENTO, Ailton Mario. *Músicas e práticas musicais africanas nos cursos de licenciatura em música na Bahia*. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33818>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Historiografia do Quilombo*. In: NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Beatriz Nascimento, Quilombola e Intelectual: possibilidades nos dias da destruição. Diáspora Africana*: Editora Filhos da África, 2018.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. *Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos*. Alex Ratts (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO, Tatiana. Da palavra queerlombo ao cuérlobmo da palavra. *Palavra, preta*, [s. I.]. 2018. Disponível em: <<https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

NOGUERA, Renato. *O ensino de filosofia e a lei 10.639*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

NOGUERA, Renato. Sambando para não sambar: afroperspectivas filosóficas sobre a musicidade do samba e a origem da filosofia. In: SILVA, Wallace Lopes (org.). *Sambo, logo penso: afroperspectivas filosóficas para pensar o samba*. 1^a ed. Rio de Janeiro: Hexit: Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

NOGUERA, Renato; SILVA, Wallace Lopes; MORAES, Marcelo J. D. A fazenda. 13 de maio e seus espectros: racismo e resistência em afroperspectiva. In: SILVEIRA, Ronie Alessandro Teles da (Org.). *A Fazenda e a filosofia*. Porto Alegre: Editora Fi, 2016.

NETTL, Bruno. *The Study of Ethnomusicology: thirty-one Issues and concepts*. Champaign: University of Illinois Press, 2005.

NKETIA, K. Entrevista a Ricardo Tacuchian. *Revista Música*, [s. I.], v. 2, n. 2, p. 141-144, 1991.

NZEWI, Meki. *African music: theoretical content and creative continuum: the culture-exponent's definitions* [Oldershausen: Institut für Didaktik populärer Musik, 1997]. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

ODARA, Thiffany. *Pedagogia da desobediência: travestilizando a educação*. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, Luciana Xavier de. Bata o seu koo: corpo, gênero e performances de racialidade em uma festa negra LGBTQIA+. *Revista FAMECOS*, [s. I.], v. 29, n. 1, p. e42438, 2022.

OLIVEIRA, Miriam. *Black Gospel: um estudo etnomusicológico com o grupo Family Soul do Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS, 2018. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/180666>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

OYEWUMÍ, Oyérónké. *A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. 1^a ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

RAUTMANN, Richard E. *O campo acadêmico da etnomusicologia no Brasil: de 1970 a 1990*. Curitiba: Dissertação (Mestrado em Música). Pós-Graduação em Música, Setor de Artes, Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná, 2019. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/64706/R%20-%20D%20-%20RICHARD%20EDWARD%20RAUTMANN.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. *Sopapo Poético e Etnomusicologia Negra: agência, performance, musicalidade e protagonismo negro em Porto Alegre*. Tese (Doutorado em Música). Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/213597>>. Acesso em 2 ago. 2024.

ROSA, Pedro Fernando Acosta da. J. H. *Kwabena Nketia nexus entre Pan-africanismo, Etnomusicologia e crítica ao eurocentrismo*. 2022. João Pessoa: Enen3 Publicações, Universidade Federal da Paraíba, 2022. DOI 10.29327/44395198. Disponível em: <<https://publicacoes.even3.com.br/tcc/j-h-kwabena-nketia-nexus-entre-pan-africanismo-etnomusicologia-e-critica-ao-eurocentrismo-3951984>>. Acesso em 2 ago. 2024.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *Colonização, Quilombos, Modos e Significações*. Brasília: INCTI/UnB, 2015.

SANTO, Spirito. *Do Samba ao Funk do Jorjão: ritmos, mitos e ledos enganos no enredo de um Samba chamado Brasil*. Rio de Janeiro: Coleção Incubadora Cultural – Espaço Cultural Escola Sesc, 2016.

SILVA, Erivan. *Protagonismo feminino negro no coco de roda paraibano: um devir-negra na conquista e manutenção étnica de territórios negros*. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-graduação em Música da UFPB, 2021. Disponível em: https://sigaa.ufpb.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=pt_BR&id=1894¬icia=239613279. Acesso em: 27 abr. 2022.

SILVA, Laurisbel Maria de Ana da. *Carnaval do Nordeste de Amaralina: um estudo sobre um carnaval de bairro em Salvador, Bahia, Brasil*. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA, 2022. Disponível em: https://sigaa.ufba.br/sigaa/public/programa/noticias_desc.jsf?lc=fr_FR&id=1299¬icia=922457. Acesso em: 2 ago. 2024.

SILVA, Salloma Salomão Jovino da. Povos de língua banto e sua importância na formação cultural das culturas no Brasil. In: Sesc, Departamento Nacional. *Culturas Bantu: afro-sonoridades tradicionais e contemporâneas: circuito nacional 2022-2023 (Sonora Brasil)*. – 2ª Ed. – Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Sesc, 2023.

TITON, Jeff Todd. Ethnomusicology and applied Ethnomusicology. In: TITON, Jeff Todd; PETTAN, Svanibor (Eds.). *Oxford Handbook of Applied Ethnomusicology*. New York: Oxford University Press, 2015. p. 4-29.

TRINDADE, Azoilda Loreto da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil. In: *Valores afro-brasileiros na Educação*. Boletim 22, TV Escola/MEC, 2005. Disponível em: <<https://reaju.wordpress.com/wp-content/uploads/2018/07/valores-civilizatórios-afrobrasileiros-na-educação-infantil-azoilda-trindade.pdf>>. Acesso em: 2 ago. 2024.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação cultural*. São Paulo: Pólen, 2019.